



Medidas de austeridade vão paralisar zona do Euro, avalia pesquisador

Dayanne Sousa

O cumprimento ou não das medidas de austeridade impostas à Grécia e adotadas em vários países da Zona do Euro não é o que preocupa o professor Renato Galvão Flôres Júnior. "Essa receita vai deixar a economia parada num momento em que se precisa que a economia cresça", avalia o especialista em economia internacional da Fundação Getúlio Vargas. Para ele, são necessárias medidas mais definitivas, como a saída de Grécia e outros países em risco da zona da moeda comum.

- A questão das medidas de austeridade... Nós já vimos esse filme. Isso é a receita do FMI e ela, a longo e médio prazo, dá solução, mas vai gerar recessão. Por esse caminho, está evidente que vamos ter uma Europa parada. A Europa vai ter, como nós tivemos no passado, uma década perdida - avalia.

Professor da Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Flôres Júnior já presidiu braço brasileiro da European Community Studies Association e é coautor do livro Teoria e políticas de integração na União Européia e no Mercosul.

O especialista pondera, ainda, que o Brasil poderá tirar proveito do momento ruim na Europa e importar tecnologia e cérebros. Ele ainda questiona a ideia de que países em desenvolvimento deveriam contribuir com ajuda para as nações do euro. "Eles nunca nos ajudaram e agora querem ajuda? Francamente, eles que resolvam!".

Leia a entrevista.

Terra Magazine - Estamos diante do acirramento da crise e a França anuncia um pacote de economia de 20 bilhões de euros. Isso surpreende de alguma forma?

Vejo a coisa de uma forma mais ampla. Os países europeus estão se usando de paliativos para enfrentar uma crise que é muito séria. Está faltando coragem para tomar as medidas severas que essa crise merece. A Grécia deveria ter saído do Euro há muito tempo. E isso é só um exemplo, outras medidas mais sérias deveriam ter sido tomadas e estão faltando lideranças. A situação está cada vez mais complicada. A Grécia está muito pior, mas a gente esquece que tem uma Irlanda muito ruim, que tem Portugal e Espanha... e a Itália periclitante. Nós estamos numa situação muito séria e têm que ser corrigidos alguns pecados originais do euro.

O senhor menciona "pecados originais". Houve erros de gestão ou realmente existem falhas desde a criação do Euro?

Com uma moeda comum, você perde soberania. Perde grau de liberdade. Se a Grécia estivesse fora do Euro, ela desvalorizaria a moeda e isso ajudaria a solucionar o problema. Mas ela não pode, está apertada no Euro. O Tratado de Maastricht estabeleceu algumas condições que todos os países que entrassem na Zona do Euro tinham que respeitar (critérios como déficit público e outros indicadores regulados pelos bancos centrais nacionais). Essas condições foram violadas por todo mundo. E o pecado é que se fez uma moeda comum sem um orçamento comum. Os orçamentos e a emissão de títulos continuaram independentes embora eles tivessem a moeda comum. Além de isso já ser perigoso, ainda por cima os critérios foram violados. É uma moeda comum de ficção. No início, quando houve um momento de euforia e a situação estava bem, ninguém se preocupou. Tudo bem que começasse assim, mas não se avançou para criar uma moeda que tivesse, realmente, todas as características e possibilidades de manejo que uma moeda comum tem que ter. O que estamos vendo agora é: quanto mais tempo levar para haver essas medidas definitivas, pior tudo vai ficar.

A discussão no momento não passa do cumprimento ou não de medidas de austeridade. No mundo todo, uma série de protestos surge contra os efeitos sociais disso. Na sua visão, essas medidas poderiam ser evitadas?

Tem outras formas, como eu disse. Formas drásticas. Uma delas é "limpar" a zona do euro, tirar esses países periclitantes. A questão das medidas de austeridade... Nós já vimos esse filme. Isso é a receita do FMI e ela, a longo e médio prazo dá solução, mas vai gerar recessão. Essa receita vai deixar a economia parada num momento em que se precisa que a economia cresça para gerar emprego. Por esse caminho, está evidente que vamos ter uma Europa parada. A Europa vai ter, como nós tivemos no passado, uma década perdida. Essas medidas estão diminuindo gastos, cortando salários, reprimindo consumo e retraindo a economia.

E vai ser pior para os países mais pobres...

Ah, mas isso é claro! E para os pobres dos países mais pobres pior ainda. Isso é a regra número um na economia.

Como o Brasil pode agir diante da crise do euro?

Temos que aproveitar o momento. O Brasil está passando um momento excelente. A Europa é sempre interessante como fonte de cultura e de tecnologia, é o momento de comprar coisas interessantes na Europa e importar cérebros.

O que o senhor pensou da postura brasileira de que só ofereceria ajuda via FMI?

A postura brasileira está certíssima. Aliás, é até muito generosa. Eles nunca nos ajudaram e agora querem ajuda? Francamente, eles que resolvam!